
LITERATURA E OUTRAS ARTES EM TEMPOS DE AUTORITARISMO: APROXIMAÇÕES E TRANSIÇÕES CULTURAIS

Rosana Cristina Zanelatto Santos ¹

Wagner Corsino Enedino ²

A proposta que norteou a organização deste Dossiê foi trazer a público artigos que se debruçassem sobre os modos de elaboração artístico-formais capazes de refletir acerca da memória de/em períodos de exceção, tendo como ponto de partida a matéria ficcional cujo conteúdo diegético sugere, metaforicamente, por meio dos diálogos das personagens e do encadeamento do enredo, situações de impotência frente à brutalidade de regimes e de circunstâncias autoritárias. Sem desvincular a obra da história social e política sobre a qual se pronuncia, sem esquecer o diálogo que ela mantém com seu contexto de produção e, pois, com sua autoria, as/os pesquisadoras/es reunidas/os neste número buscaram analisá-la e interpretá-la segundo o projeto estético de cada produtor/a.

Destacamos, inicialmente, a importância dada à literatura latino-americana neste Dossiê. Leoné Astrid Barzotto, no artigo **O autoritarismo exposto na literatura cubana**, busca demonstrar como a literatura contemporânea consegue derrubar barreiras socioculturais e expor, ao mesmo tempo em que representa determinadas realidades. No caso do texto ora apresentado, Barzotto expõe a condição do autoritarismo em Cuba, sobretudo aquele vivenciado a partir da decadência da revolução e da queda da União Soviética. Para tanto, dois romances serão analisados: *Dreaming in Cuban* (1992), da escritora cubano-americana Cristina García, e *Nunca fui primeira dama* (2010), da escritora cubana Wendy Guerra. Tendo por base a perspectiva de denúncia que ambos carregam, verificou-se como o autoritarismo surge exposto no texto literário dessas duas escritoras que, nos âmbitos pessoal e familiar, testemunharam e sofreram as consequências da Revolução Cubana.

No artigo **O drama do desenraizamento e da adaptação forçada: o testemunho de exiladas latino-americanas**, Paulo Bungart Neto discute a literatura produzida por mulheres latino-americanas exiladas ao longo da segunda metade do século XX, com ênfase em testemunhos cujo entrelaçamento entre história, política e memória é perceptível. Essas autoras rompem um silêncio mantido por muitos anos, mostrando de que maneira os acontecimentos podem ser ressignificados por relatos orais ou textos literários impressos, tentando superar o trauma do encarceramento, da tortura e do exílio, num exercício de autoanálise e de compreensão do aspecto coletivo dos fatos históricos testemunhados. Para o tratamento das obras, utilizou-se como suporte textos teóricos e críticos a respeito do

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/FAALC; CNPq

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/CPTL

fenômeno do exílio, tais como Viñar (1992), Rollemberg (1999), Pizarro (2006) e Snajder Roniger (2009), além de estudos sobre a história política da América Latina, como Dinges (2005) e Nepomuceno (2015).

Em **Violência contra a mulher em *Curuzú la novia*, de Josefina Plá, e “A parasita azul”, de Machado de Assis**, Luiz Roberto Lins Almeida e Rosana Cristina Zanelatto Santos escrevem sobre a temática da violência contra a mulher, tal como percebida e representada nos contos *Curuzú la novia* (1958), de Josefina Plá, e “A Parasita Azul” (1873), de Machado de Assis. Tendo por escopo teórico os estudos de Moisés (2006), Reis (2018) e Coelho (2021) sobre o conto e tendo em mente que a situação de violência de gênero permanece como uma realidade atual é possível perceber no narrador e nas personagens indícios sutis, e nem tão sutis, de violência. A estrutura do conto machadiano permite que o texto desague na ironia que o caracteriza, enquanto Josefina Plá, com seu projeto estético fulcrado no feminino, redonda na opção pelo trágico (ARISTÓTELES, 1993), considerando especialmente a objetivação do corpo da mulher, conforme destacado por Grada Kilomba (2019).

Numa visada comparada, a literatura argentina de Julio Cortázar surge em sua relação com o cinema no artigo intitulado **Real ou ficção: uma questão fotográfica no conto *Las babas del diablo*, de Julio Cortázar, e na obra fílmica *Blow up*, de Michelangelo Antonioni**, de Rute Pereira da Silva e de Andre Rezende Benatti. O texto apresenta uma análise do papel da fotografia no conto *Las babas del diablo*, de Julio Cortázar, e em *Blow-Up*, de Michelangelo Antonioni, tendo por base os pressupostos de Roland Barthes (1984) sobre o processo fotográfico e também estudos referentes às relações literatura e fotografia, com destaque para aqueles escritos por Ismael Xavier (2003), Susan Sontag (2003) e o próprio Julio Cortázar (2003). Publicada pela primeira vez em 1959, *Las babas del diablo* insere-se na coletânea de contos intitulada *Las armas secretas*, narrando a história do fotógrafo e tradutor, Michel, que ao ampliar algumas fotos percebe, nas imagens, que elas são provas de um crime. Com roteiro baseado nessa trama, em 1966, Michelangelo Antonioni transcria (CAMPOS, 2013) o filme *Blow-Up*. Tanto a literatura quanto os meios audiovisuais possuem a capacidade de narração e a necessidade das narrativas, o que permite a proximidade entre ambas as áreas. Contudo, cada linguagem tem suas especificidades, visto que as produções têm formas próprias de se expressarem e de se apropriar de significados.

Uma vez que o assunto é o cinema, em **Violencia y humor en el cine del guatemalteco Chofó Espinosa**, Manuel Medina propõe que em *Prohibido robar rosas, Aquí me quedo e Pol: una aventura en la USAC* o diretor Rodolfo Espinosa vagueia pela tênue linha que separa o limite do entretenimento, representando a violência bruta da perspectiva do humor de tais situações e estimulando uma reflexão sobre o aumento da criminalidade que atinge a Guatemala. Espinosa consegue esse feito sem o peso das obras que abordam a violência com a costumeira seriedade com que são tratadas situações como sequestros e roubos. Para a análise empreendida, Medina utiliza um referencial teórico que combina o valor estético da representação da violência no cinema, de Margaret Bruder, e os estudos de E. M. Dadlez e Steven Salaita, que dão conta da relação entre violência e humor.

Por meio das contribuições de Eric Hobsbawm (1995) e Antonio Pedro Tota (2011) sobre conflitos que marcaram o século XX; em pressupostos teóricos que amparam o discurso teatral e nos estudos de Mikhail Bakhtin (2002; 2011) no que diz respeito ao diálogo que

pode se estabelecer entre discursos literários, os pesquisadores Wagner Corsino Enedino e Haydê Costa Vieira analisam em **Da guerra à ditadura: o afunilamento abissal em Alberto Moravia e Plínio Marcos** a estrutura, bem como o projeto estético-social do autor brasileiro Plínio Marcos e do escritor italiano Alberto Moravia, visando o comparativismo literário entre o drama *Dois perdidos numa noite suja* e a narrativa *O terror de Roma*. Com efeito, Enedino e Vieira destacam o processo de estilização entre os artistas; ponderando que Alberto Moravia e Plínio Marcos escrevem sobre momentos históricos críticos e distintos, mas que dialogam entre si: a Segunda Guerra Mundial e o Regime de Exceção no Brasil.

Com base no aporte teórico da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss (1994) e nas reflexões de Wolfgang Iser (1996; 1999) acerca dos efeitos de sentido de uma produção literária, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira, Ricardo Magalhães Bulhões e Vanessa Hagemeyer tecem, no artigo **Literatura e memória como farol para o leitor: uma análise de *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva**, um estudo sistemático quanto ao uso, pelo produtor da diegese, do discurso literário híbrido, pautado, sobretudo, pelo exercício do campo figurativo, pelas emoções, metáforas; consubstanciando documentos, testemunhos, entre outros gêneros textuais. Por meio da autocontextualização, na esteira da Estética da Recepção, os autores do artigo destacam, a fórceps, que o romance de Marcelo Rubens Paiva tanto responde aos problemas de sua época, quanto os transcende, permanecendo, em forma e conteúdo, atual.

O artigo **Mestre do RPG: do reflexo do narrador ao prisma da narrativa**, desenvolvido por João Luis Pereira Ourique e Jean Karlos Souza, propõe uma reflexão sobre a categoria do mestre de Role Playing Game (RPG) em comparação com o narrador na perspectiva frankfurtiana de Walter Benjamin. Os pesquisadores salientam as diferenças que se estabelecem entre “mestre” e “narrador”, ainda que, para esta reflexão, o mestre do jogo pode ser visto como uma imagem do narrador literário. Ponderam, de um lado, que o narrador benjaminiano se sustenta na sabedoria; de outro, que o mestre não possui a sabedoria mencionada, mas amplia sua atuação para além da condução dos jogadores/personagens dentro da história, abrindo, em maior ou menor grau, espaço para que colaborem com a construção da narrativa. Dessa forma, partindo das reflexões de Wolfgang Iser e dos elementos que constituem a Estética da Recepção, Ourique e Souza abrem espaço para fomentar discussões que visam embasar uma proposta de ensino de Literatura a partir do RPG, na qual o texto literário se aproxima da noção de jogo.

Thainá Aparecida Ramos de Oliveira e Agnado Rodrigues da Silva abordam em **Experiência distópica nas narrativas “Animal Farm”, de George Orwell (1945) e “Fazenda Modelo – Novela Pecuária” (1974), de Chico Buarque** - a distopia como componente reflexivo do *status quo* na narrativa de George Orwell e na produção de Chico Buarque. O artigo versa sobre os mecanismos que articulam as complexas redes de representações sociais. Oliveira e Silva tecem reflexões de como a arte literária pode ser capaz de promover movimentos de imanência e transcendência entre a ficção e a história. Consideram, ainda, que os contextos históricos, impulsionados por distintas motivações culturais e políticas, funcionam como *leitmotiv* para elaboração de uma obra artística. Ambos os enredos (“Animal Farm” e “Fazenda Modelo – Novela Pecuária”) apresentam, para o enunciário, como o autoritarismo emerge em locais e épocas distintas.

Por fim, temos em **Geopoesia da boa morte pelas ruas coralinas da Tanatografia**, de Augusto Rodrigues da Silva Junior, uma reflexão sobre o poema-necrológio “Quem foi ela?”, de Cora Coralina. Publicado em jornal em 1965, pela primeira vez ele é apresentado na íntegra em periódico. Por entre ruas e becos da Cidade de Goyaz, a análise repousa na efervescência de vozes femininas, as quais ecoam em movimentações de forças biográficas e biobibliográficas. Silva Junior articula a poética coralina com a imagem de Idalina da Cruz Marques e seu relevante papel social na Cidade de Goiás ao longo do século XX. Numa geopoesia plena de cotidiano, o discurso da “Good Death” dissemina-se em politonalidades na articulação do momento e do memento. Num exercício de geopoesia que, em processo dialógico transforma-se em tanatografia, a crítica polifônica (em sua reverberação enquanto literaturas de campo e comparada) afirma-se como reconstrução de ideias e contra todo tipo de autoritarismo. O pesquisador se concentra, mais especificamente, em como o cerrado/sertão/campo geral do país, com vistas a constituir uma ou várias poéticas populares do/no centro-oeste brasileiro, se consolidam como lócus enunciativo que impulsiona uma manifestação literária de expressivo fôlego.

Uma boa leitura a todas e todos!